

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Música, Filosofia e Educação 2

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

## Música, Filosofia e Educação 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M987 Música, filosofia e educação 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Música, Filosofia e Educação; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-105-3

DOI 10.22533/at.ed.053190502

1. Música – Filosofia e estética. 2. Música – Instrução e estudo.  
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 780.77

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A natureza e o valor da Educação Musical são determinados pela natureza e valor da música. Com base nesta premissa inicial, Reimer estabelece argumentos para afirmar a necessidade de uma filosofia para educação musical: A qualidade da compreensão sobre uma atividade profissional está relacionada ao impacto na sociedade que esta profissão pode obter. Assim, a educação musical só deixaria a “periferia da cultura humana” quando houvesse maior entendimento profissional do valor da educação musical. Para Liane Hentschke, a música não está no rol das “disciplinas sérias” por causa “uso que se tem feito dessa área de conhecimento e da atividade profissional decorrente dela” (Hentschke, Del Ben, 2003, p. 117). Para modificar este panorama, é preciso uma tomada de consciência dos profissionais que estão atuando no campo da pedagogia musical. Reimer entende que o profissional consciente do valor de sua profissão, mais que um elo na comunidade pedagógica, é alguém que tem a visão modificada a respeito da natureza e do valor de sua vida pessoal (1970, p. 4); As bases para a valorização da educação musical exigem a configuração de uma filosofia. No entanto, seus efeitos serão mais produtivos se essa filosofia estiver em desenvolvimento durante a formação do educador musical. Segundo Cláudia Bellochio, as pesquisas sobre educação musical no Brasil poucas vezes são referência para o ensino de música nas escolas, o que constituiria “um hiato entre a produção de pesquisas e a apropriação de seus resultados no contexto da escolarização” (2003, p. 129). Assim, a ausência de uma articulação entre ensino e pesquisa em nossas universidades reforça a necessidade de uma filosofia de educação musical, que seria capaz de conciliar os diversos saberes mobilizados e que estariam conjugados nas ações e reflexões da prática docente; A música é uma disciplina do conhecimento que também constitui caminho para se entender a realidade. Reimer (1970, p. 9) afirma que o aluno que entende a natureza real da música pode partilhar as visões da realidade que a música oferece. O problema nessa questão é o contraste entre o ensino da disciplina e a prática da mesma fora da escola. Enquanto em suas atividades extra-escolares o aluno se conecta com uma vasta gama de opções musicais e trafega por diversos contextos culturais (internet, TV, espaços públicos), na escola ele costuma ter contato com expressões musicais que pouco ou nada tem a ver com sua realidade sonora. Sobre o último ponto, vale esclarecer que não se trata de celebrar acriticamente o conhecimento musical que o estudante traz consigo, prática esta que, em geral, redundaria em uma reprodução destituída de aprofundamento contextual e analítico em relação às canções ou hits da mídia de massa. Por outro lado, a introdução da gramática da música (a teoria) desvinculada do fazer musical espontâneo resulta em uma prática inócua e sem sentido para o aluno. Se as visões concernentes a uma educação musical na contemporaneidade observam os novos contextos estabelecidos na sociedade, concebendo estruturas que constroem uma rede de relações a partir do conhecimento e da experiência do sujeito (Fonterrada, p. 175-6), ainda há nas escolas

um vazio entre o que é ensinado e o que é compreendido e praticado pelo aluno. Em relação a esse tópico, Bennett Reimer argumenta que uma alternativa para a fundamentação filosófica da educação musical é a abordagem estética da música. O autor assinala que a educação musical deve ter entendimento da natureza e do valor estéticos da música, a fim de realmente tornar-se educação musical. Porém, como veremos a seguir, essa opção por uma educação estética encontra oposição e contra-argumentação nos estudos de outros pesquisadores da educação musical.

**No artigo PRINCESA ISABEL: GÊNERO E PODER NO IMPÉRIO E MÚSICA, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Karla Cristina Vicentini de Araujo, Carina Dantas de Oliveira, Viviane Oliveira Augusto, Gabriella Rossetti Ferreira e Paulo Rennes Marçal Ribeiro,** aprofundar conhecimentos sobre as relações de gênero, música e poder no império, verificando a vida da Princesa Isabel. Será utilizado um recorte da história do Brasil, do poder atribuído a Princesa Isabel, e questões particulares, da vida privada e conflitos de gênero vivenciados. No artigo EXPERIMENTALISMO E MÚSICA CONCRETA NO JAPÃO PÓS-GUERRA: RELIEF STATIQUE (1955) E VOCALISM AI (1956) DE TORU TAKEMITSU, o autor **Luiz Fernando Valente Roveran** busca uma visão endêmica do conceito de música concreta que emerge na década de 1950 em Tóquio. No ARTIGO FAARTES VIRTUAL: UM MODELO DE AMBIENTE VIRTUAL PARA O ENSINO DE ARTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MAZONAS, o AUTOR Jackson Colares da Silva busca descrever um modelo de Universidade Virtual adaptado ao contexto amazônico. **No artigo FEEDBACK EM MUSICOTERAPIA GRUPAL, os autores, Marcus Vinícius Alves Galvão, Claudia Regina de Oliveira Zanini,** buscam estudar, resultado de um projeto vinculado ao Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC).

**NO ARTIGO FORMAÇÃO HUMANA:** uma breve análise de paradigmas formativos na História da Humanidade e suas implicações ao Filosofar e à educação, as autoras **Letícia Maria Passos Corrêa e Neiva Afonso Oliveira,** disserta sobre o papel do Ensino de Filosofia e sua conexão com os processos relativos à formação humana na direção da compreensão de que nascemos humanos, mas precisamos continuar a sê-lo. No artigo **GOETHE E A EDUCAÇÃO: PRINCÍPIOS FORMAÇÃO A PARTIR DA OBRA OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER,** Márcio Luís Marangon busca analisar a obra Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister, de Goethe. representa uma síntese da dissertação “Guitarra Baiana: uma proposta metodológica para o ensino instrumental” (VARGAS, 2015) **GITARRA BAIANA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO INSTRUMENTAL, Alexandre Siles Vargas** Busca trazer a síntese da dissertação “Guitarra Baiana: uma proposta metodológica para o ensino instrumental” realizada durante nosso Mestrado em Música na subárea na subárea Educação Musical do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. **No artigo IDEIAS DE H. J. KOELLREUTTER PARA EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL E SUA POSIÇÃO QUANTO AO PAPEL DA**

**ESCU**TA, os autores, **Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira, André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira** apresenta aspectos da influência de Hans Joachim Koellreutter na prática musical e pedagógica no Brasil. No artigo **INTERATIVIDADE E MÚSICA NO VIDEOGAME: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS TÉCNICAS DE COMPOSIÇÃO PARA ÁUDIO DINÂMICO EMPREGADAS NA TRILHA MUSICAL DE JOURNEY (2012)**, o autor **Luiz Fernando Valente Roveran** busca estudar duas técnicas de composição para videogames aplicadas por Austin Wintory à música de Journey (2012). No artigo **JORNADA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL: REFLETINDO SOBRE AS APRENDIZAGENS GERADAS NA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS** as autoras, **Natália Búrigo Severino, Mariana Barbosa Ament**, busca analisar os Estudos em Educação Musical (JEEM) é um evento destinado ao compartilhar de concepções, ideias e práticas de processos educativos em música. No artigo **LUIZ BONFÁ: uma breve trajetória, parcerias e apontamentos do estilo**, o autor **Tiago de Souza Mayer**, o trabalho consiste em traçar uma breve trajetória do violonista e compositor Luiz Floriano Bonfá, de modo a destacar parcerias relevantes e realizar apontamentos sobre seu estilo no violão. Para a fundamentação buscamos referências em Bourdieu (2006), Giovanni Levi (2006) François Dosse (2009). No artigo **MIGRANTES EM BOA VISTA: SUBJETIVIDADE DA MUSICALIDADE GAÚCHA PRESENTE NAS MANIFESTAÇÕES JUNINAS BOAVISTENSE**, autor **Marcos Vinícius Ferreira da Silva e Leila Adriana Baptaglin**, buscou compreender de que maneira a subjetividade da musicalidade gaúcha contribuiu para as múltiplas identidades da musicalidade boavistense. No artigo **a MÚSICA, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: EM FOCO AS RELAÇÕES COM O MEIO** da autora **Silvia Cordeiro Nassif**, objetivo trazer as contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação musical. No artigo **MUSICALIZAÇÃO NA MATURIDADE: INCLUSÃO DE IDOSOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO MUSICAL POR MEIO DA FLAUTA DOCE E DO CANTO CORAL**, o autor **Jovenildo da Cruz Lima**, busca analisar nesta pesquisa a prática de inclusão de pessoas acima dos 60 anos por meio da musicalização com flauta doce, bem como o canto coral, buscando identificar possibilidades para a inclusão do idoso no âmbito da educação musical. No artigo **NA CALADA DA NOITE? SILÊNCIO**, a autora **Priscila Loureiro Reis**, discute a essência da música em sua unidade com o ser e o silêncio, apontando para uma musicalidade que desvela o ser e em tal desvelamento faz desencadear realidade, estabelecer sentido e constituir memória. No artigo **NARRATIVIDADE E RANDOMIZAÇÃO DA PAISAGEM SONORA EM JOGOS ELETRÔNICOS**, os autores **Fernando Emboaba de Camargo e José Eduardo Fornari Novo Junior**, propõem-se uma solução parcial para esse problema com base na fragmentação de longos trechos de ambiente sonoros associados à narrativa e uma posterior randomização temporal do conjunto de fragmentos sonoros. No artigo **NEGOCIANDO DISTÂNCIAS NAS AULAS DE MÚSICA: REFLETINDO SOBRE ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL MEYER**, a autora **Helen Silveira Jardim de Oliveira** busca compartilhar

algumas reflexões de nossa tese de doutorado defendida no ano de 2014 cujo título foi: Ensinar e aprender música: negociando distâncias entre os argumentos de alunos, professores e instituições de ensino. **No artigo NOVA TRANSCRIÇÃO DE “NOITE DE LUA” DE DILERMANDO REIS PARA VIOLÃO SOLO FUNDINDO A PARTE DOS DOIS VIOLÕES COM BASE NA GRAVAÇÃO ORIGINAL**, o autor Breno Raphael de Andrade Pereira sugere a execução da peça Noite de Lua de modo mais fiel ao áudio original. Essa nossa transcrição diferencia-se das demais pela semelhança com a gravação deixada pelo compositor, contrastando com os demais arranjos disponíveis no grave desvio com relação à *forma*, baixos e ritmo. **O artigo O CICLO DA APRENDIZAGEM CRIATIVA NA AULA DE PIANO EM GRUPO**, o autor José Leandro Silva Martins Rocha, Discute os resultados de uma pesquisa de mestrado (ROCHA, 2015), que teve por objetivo investigar a aprendizagem criativa na aula de piano em grupo, por meio de uma pesquisa-ação com alunos do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No artigo **O DISCURSO MUSICAL DO SÉCULO XVIII: ACEPÇÕES DE GOSTO NA OBRA DE FRANCESCO GEMINIANI (1687-1762)**, o autor Marcus Vinícius Sant’Anna Held Neves discorrer sobre diversas emulações retóricas almejadas por Geminiani (1687-1762) em sua obra tratadística, sobretudo nas *Regras para tocar com verdadeiro gosto* (c.1748), *Tratado sobre o bom gosto na arte da música* (1749) e *A arte de tocar violino* (1751).

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PRINCESA ISABEL: GÊNERO E PODER NO IMPÉRIO E MÚSICA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Karla Cristina Vicentini de Araujo	
Carina Dantas de Oliveira	
Viviane Oliveira Augusto	
Gabriella Rossetti Ferreira	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
EXPERIMENTALISMO E MÚSICA CONCRETA NO JAPÃO PÓS-GUERRA: <i>RELIEF STATIQUE</i> (1955) E <i>VOCALISM AI</i> (1956) DE TORU TAKEMITSU	
Luiz Fernando Valente Roveran	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
FAARTES VIRTUAL: UM MODELO DE AMBIENTE VIRTUAL PARA O ENSINO DE ARTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS	
Jackson Colares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
<i>FEEDBACK</i> EM MUSICOTERAPIA GRUPAL	
Marcus Vinícius Alves Galvão	
Claudia Regina de Oliveira Zanini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
GOETHE E A EDUCAÇÃO: PRINCÍPIOS FORMAÇÃO A PARTIR DA OBRA OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER	
Márcio Luís Marangon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
GUITARRA BAIANA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO INSTRUMENTAL	
Alexandre Siles Vargas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
IDEIAS DE H. J. KOELLREUTTER PARA EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL E SUA POSIÇÃO QUANTO AO PAPEL DA ESCUTA	
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira	
André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905027</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>85</b>
INTERATIVIDADE E MÚSICA NO VIDEOGAME: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS TÉCNICAS DE COMPOSIÇÃO PARA ÁUDIO DINÂMICO EMPREGADAS NA TRILHA MUSICAL DE <i>JOURNEY</i> (2012)	
Luiz Fernando Valente Roveran	
DOI 10.22533/at.ed.0531905028	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
JORNADA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL: REFLETINDO SOBRE AS APRENDIZAGENS GERADAS NA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS	
Natália Búrigo Severino	
Mariana Barbosa Ament	
DOI 10.22533/at.ed.0531905029	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>102</b>
LUIZ BONFÁ: UMA BREVE TRAJETÓRIA, PARCERIAS E APONTAMENTOS DO ESTILO	
Tiago de Souza Mayer	
DOI 10.22533/at.ed.05319050210	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
MIGRANTES EM BOA VISTA: SUBJETIVIDADE DA MUSICALIDADE GAÚCHA PRESENTE NAS MANIFESTAÇÕES JUNINAS BOAVISTENSE	
Marcos Vinícius Ferreira da Silva	
Leila Adriana Baptaglin	
DOI 10.22533/at.ed.05319050211	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>121</b>
MÚSICA, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: EM FOCO AS RELAÇÕES COM O MEIO	
Silvia Cordeiro Nassif	
DOI 10.22533/at.ed.05319050212	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>130</b>
MUSICALIZAÇÃO NA MATURIDADE: INCLUSÃO DE IDOSOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO MUSICAL POR MEIO DA FLAUTA DOCE E DO CANTO CORAL	
Jovenildo da Cruz Lima	
DOI 10.22533/at.ed.05319050213	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>135</b>
NA CALADA DA NOITE? SILÊNCIO	
Priscila Loureiro Reis	
DOI 10.22533/at.ed.05319050214	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>152</b>
NEGOCIANDO DISTÂNCIAS NAS AULAS DE MÚSICA: REFLETINDO SOBRE ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL MEYER	
Helen Silveira Jardim de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.05319050215	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>160</b>
NOVA TRANSCRIÇÃO DE “NOITE DE LUA” DE DILERMANDO REIS PARA VIOLÃO SOLO FUNDINDO A PARTE DOS DOIS VIOLÕES COM BASE NA GRAVAÇÃO ORIGINAL	
Breno Raphael de Andrade Pereira	

DOI 10.22533/at.ed.05319050216

**CAPÍTULO 17 ..... 175**

O CICLO DA APRENDIZAGEM CRIATIVA NA AULA DE PIANO EM GRUPO

[José Leandro Silva Martins Rocha](#)

DOI 10.22533/at.ed.05319050217

**CAPÍTULO 18 ..... 189**

O DISCURSO MUSICAL DO SÉCULO XVIII: ACEPÇÕES DE GOSTO NA OBRA DE FRANCESCO GEMINIANI (1687-1762)

[Marcus Vinícius Sant'Anna Held Neves](#)

DOI 10.22533/at.ed.05319050218

**CAPÍTULO 19 ..... 205**

O ENSINO DE SAMBA-REGGAE BASEADO NA TEORIA ESPIRAL DO DESENVOLVIMENTO MUSICAL DE SWANWICK E TILLMAN

[Alexandre Siles Vargas](#)

DOI 10.22533/at.ed.05319050219

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 220**

## NEGOCIANDO DISTÂNCIAS NAS AULAS DE MÚSICA: REFLETINDO SOBRE ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL MEYER

**Helen Silveira Jardim de Oliveira**

Colégio Pedro II

Rio de Janeiro – RJ

**RESUMO:** o presente artigo tem por objetivo compartilhar algumas reflexões de nossa tese de doutorado defendida no ano de 2014 cujo título foi: *Ensinar e aprender música: negociando distâncias entre os argumentos de alunos, professores e instituições de ensino*. O trabalho consistiu num estudo de caso de caráter qualitativo que se propôs a investigar a natureza dos argumentos apresentados por discentes, docentes e representantes institucionais (chefe de departamento, coordenadora administrativa e membro do apoio pedagógico) sobre a importância de ensinar e de aprender música em duas instituições: uma escola pública federal e um projeto de extensão. Ressaltamos que parte do título de nossa tese e deste artigo foram inspirados nas contribuições de um dos autores que fundamentaram nossas reflexões: Michel Meyer. Ele conceitua a retórica como a negociação da distância entre pessoas a respeito de uma questão. Com base no pensamento desse autor e analisando os argumentos apresentados pelos sujeitos da pesquisa nos questionários aplicados, foi possível enunciar alguns princípios de negociação de distâncias na sala de aula. Tais princípios não consistem

em prescrições e sim, orientações para ação docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** aulas de música, problematologia, Michel Meyer.

**ABSTRACT:** The present article aims to share some reflections of our PhD thesis defended in the year of 2014 whose title was: *Teaching and learning music: negotiating distances among the arguments of students, teachers and educational institutions*. The work consisted of a qualitative nature case study with a purpose to investigate the essence of arguments presented by students, teachers and institutional representatives (head of department, administrative coordinator and a member of the pedagogical support) about the importance of teaching and learning music in two institutions: a federal public school and an extension project. We emphasize that part of thesis and this article title was inspired by the contributions of one of the authors who motivated our reflections: Michel Meyer. He conceives rhetoric as the negotiation of the distance between people about an issue. Based on the thought of this author and analyzing the arguments presented by the research subjects in the questionnaires, we postulated some principles of negotiation of distances in the classroom. Such principles do not consist in prescriptions, but guidelines for

teaching activities.

**KEYWORDS:** music lessons, problematology, Michel Meyer.

## 1 | INTRODUÇÃO

Refletir sobre o espaço escolar é algo que sempre nos fascinou como pesquisadora, pois compreendemos que, nesse local, sentidos e significados são desvelados e renovados, diferentes vozes dialogam, inúmeros argumentos são apresentados e distâncias são negociadas.

A partir dessa perspectiva, o trabalho de pesquisa intitulado *Ensinar e aprender música: negociando distâncias entre os argumentos de alunos, professores e instituições de ensino*, defendido no ano de 2014, consistiu num estudo de caso de caráter qualitativo que se propôs a investigar a natureza dos argumentos apresentados por discentes, docentes e representantes institucionais (chefe de departamento, coordenador administrativo e membro do apoio pedagógico) sobre a importância de ensinar e de aprender música.

Os alunos, professores e representantes institucionais envolvidos na referida pesquisa integravam o Colégio Pedro II, uma escola pública federal do município do Rio de Janeiro que possui ensino de música desde a sua fundação e a Escola de Música de Manginhos, um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ressaltamos que esses ambientes possuem características bem distintas em relação ao ensino/aprendizado de música.

Os argumentos analisados na pesquisa foram gerados por questionários com quatro perguntas abertas, que “são aquelas que levam o informante a responder livremente com frases ou orações” (BARROS; LEHFELD, 2007). Interpretamos as três diferentes visões abrangidas pela pesquisa, tendo como base as categorias do *Tratado da Argumentação* (2005) e outras oriundas de autores do campo da Educação Musical, do Currículo e do Multiculturalismo.

A análise dos argumentos foi fundamentada na contribuição teórico-metodológica de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005), autores do *Tratado da Argumentação* e da *Nova Retórica*. A Nova Retórica, ainda pouco conhecida e utilizada em trabalhos das áreas da Educação e Educação Musical, pretendeu reabilitar as opiniões dos sujeitos, trabalhando com um raciocínio não demonstrativo, concebendo as verdades como não absolutas, logo, provisórias. “[...] como construção teórico-metodológica que instiga o pensamento, temos que ressaltar suas contribuições para uma melhor compreensão do homem e da sociedade e, nessa perspectiva, também para a educação” (OLIVEIRA, 2011, p. 100).

Além disso, Perelman (1982, p. 12) aponta que a *Nova Retórica* se propõe a “incitar à ação, ou pelo menos criar uma disposição para agir”. Ou seja, ela não é uma teoria que trata das formas como o orador pode mudar as convicções de um auditório apenas para conseguir sua adesão intelectual. Há o desejo de que haja uma

mudança de atitude por parte do auditório. Em linhas gerais, “oradores” são aqueles que proferem discursos com o objetivo de persuadir um auditório. “Auditórios” são grupos heterogêneos, o conjunto das pessoas o que o orador deseja influenciar com sua argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005).

Ao longo da pesquisa, foi possível conceber as aulas de música como um espaço de constante argumentação. Um espaço onde as distâncias estão em constante negociação (MEYER, 1998, 2002, 2005, 2007), um local em que o questionamento pode e deve ser incentivado permanentemente. Para Meyer (2002, p. 268), discípulo de Perelman, a “retórica é a negociação da distância entre os indivíduos a propósito de uma questão”. As distâncias são sempre geradas por visões diferenciadas acerca de uma questão ou de um problema. Ou seja, a relação argumentativa, em muitos momentos, será permeada de opiniões conflitantes e divergentes.

Oliveira (2008), inspirado em Meyer (2002), acredita que a escola deva ser um espaço de interlocução constante. Concordamos com os autores, pois no cenário escolar estão presentes os interesses dos alunos, os interesses dos docentes, que ministram as aulas, e os interesses das instituições de ensino, em que alunos e professores encontram-se inseridos. Logo, há uma convivência de interesses dinâmicos e diferenciados que, ora são conciliáveis e ora são demasiadamente conflitantes. Isto significa que a todo o momento apresentamos e refutamos argumentos, deparamo-nos com dilemas e encontramos resistências! Ou seja, podemos dizer que as distâncias precisam ser negociadas permanentemente na educação.

óbvio que muitas vezes o espaço das aulas, independentemente da área de conhecimento, é entendido com um espaço de argumentação e negociação de distâncias. Outras vezes, apenas como um espaço de transmissão de conteúdos pelo docente – conteúdos esses que muitas vezes são escolhidos pelo chefe de departamento, coordenadores e professores – no qual o aluno não tem vez e nem voz. Essa é uma realidade, que a nosso ver, deve ser alvo de reflexões e até mesmo de transformação.

Entendendo que as aulas de música constituem-se num ambiente argumentativo e de constante negociação, enfocaremos o pensamento de Meyer, autor que foi um dos pilares do referencial teórico de nossa tese. Por meio da articulação dos argumentos apresentados pelos sujeitos nos questionários da nossa pesquisa com as categorias apresentadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Meyer (2002), autor focalizado nesta comunicação, foi possível enunciar alguns princípios de negociação de distâncias na sala de aula. Tais princípios não consistem em prescrições, mas sim, orientações para a ação docente.

## **2 | O PENSAMENTO DE MICHEL MEYER**

Meyer, discípulo de Perelman, ocupou a cadeira do mestre na Universidade Livre de Bruxelas e também se dedicou ao estudo da retórica. Ele nos traz uma abordagem

no estudo da argumentação, que foi denominada de problematologia. Consideramos que suas contribuições, apesar de não focalizarem diretamente a educação nem a educação musical, são férteis para as duas áreas. Apresentaremos nesta comunicação uma breve síntese da sua abordagem.

A natureza do pensamento de Meyer não é proposicional, e sim, interrogativa. Ele afirma que o proposicionalismo (pensamento que parte de uma premissa para se chegar a uma conclusão) além de se opor à problematologia, não incentiva a interrogatividade. Sobre essa questão, o autor coloca que

Em conclusão, não há raciocínio humano em que não esteja presente a interrogatividade. Nem mesmo o raciocínio lógico. Nem mesmo no raciocínio lógico e necessário. Simplesmente, comporta-se de modo diferente. As questões são eliminadas *a priori*, enquanto, em todos os outros raciocínios, as questões permanecem subjacentes e podem ressurgir porque não são eliminadas à partida, ainda que pareça que sim graças a uma apresentação de respostas que consegue passar despercebida devida à habilidade do retor (MEYER, 2002, p. 273).

Como já fora mencionado na introdução deste artigo, para Meyer (2002), a retórica consiste na negociação da distância, entre diferentes indivíduos, sobre alguma questão. Tratando especificamente dessa negociação no ambiente escolar, Oliveira (2008), inspirado no referido autor, aponta que certos enunciados não se enquadram no modelo óbvio de predicação. Isto quer dizer que para uma pergunta, muitas vezes esperamos uma única resposta: aquela que nós desejamos. A predicação pode ser vista como a maneira de se qualificar ou de complementar informações sobre algo.

Essa não obviedade pode ser vista na Educação Musical, como por exemplo, em atividades que envolvam a percepção e a apreciação musical. O professor pode oferecer uma música a ser apreciada e desejar que o aluno perceba determinados elementos. Todavia, o aluno pode não perceber exatamente o que o docente espera e, sim, outras características, outros elementos que também são plausíveis. Isto significa que alguns enunciados podem ser problematizados de formas diferenciadas:

Quando menciona a existência de uma distância entre os indivíduos, Meyer chama a atenção para o fato de que um mesmo enunciado pode perfeitamente ser compreendido por duas pessoas de modos bastante distintos. A negociação dessa distância sugere que ela pode ser tanto encurtada quanto ampliada, razão pela qual a retórica não se coloca como panacéia salvadora da humanidade. Ela permite, sem dúvida, chegar a solução razoáveis para os diferentes conflitos, mas não garante a resolução cabal dos mesmos nem impede que outras formas de encerrar a discussão, como o uso da violência sejam eliminadas (OLIVEIRA, 2008, p. 10).

Nesse sentido, Meyer apresenta o *tríptico problematológico*, que seria uma tripla forma de questionamento: quanto ao sujeito, ao predicado e a quem profere o discurso (enunciador). Reportando-me às palavras do próprio Meyer, “há uma argumentação baseada nos factos, na sua qualificação e no direito do orador a argumentar” (MEYER, 2002, p. 275).

Para Meyer, existe uma “diferença problematológica”, ou seja, há uma diferença entre quem questiona e quem responde, em termos argumentativos. Além de termos

“n” possibilidades de resposta (s), essa (s) resposta (s) podem não encerrar uma discussão, ou seja, elas podem ter um “teor apocrítico” reduzido, já que a resposta apocrítica é aquela que anula (encerra) o questionamento. Cada resposta pode gerar novas questões, facultando assim a produção de uma problematização constante. Infelizmente, muitas vezes, nas aulas de música nos valem do argumento de autoridade para encerrar uma discussão, inibindo, assim, que os alunos prossigam em algum questionamento.

Durante as aulas de música podemos perceber que, em diversos momentos, há até espaço para questionamento, visando a algum acordo, mas também constatamos que, em certas situações, uma vez firmado um acordo, não existe a possibilidade de se retornar ao questionamento dele.

Com base em Meyer (2002) e no mestre Perelman (2005), afirmamos que não devem existir acordos eternos e atemporais. Acreditamos que o meio-termo pode balizar as discussões e o professor pode agir como mediador das questões que forem suscitadas, renovando, juntamente com os alunos, os acordos anteriormente estabelecidos.

Com base nas contribuições de Meyer, percebemos que a argumentação, o diálogo e a problematização podem se constituir num caminho interessante, promissor, suscitando um constante exercício por parte do docente e discente. Lembramos que cada problematização e interrogação vêm acompanhadas de variadas interpretações e que essas devem ser acolhidas e analisadas individualmente e coletivamente.

claro que refletir sobre uma relação problematológica entre professores, alunos e instituições de ensino não é uma tarefa fácil. Se a escola se posicionar como um espaço de favorecimento dessa interlocução, talvez isso seja possível.

Com relação à Problematologia, seu grande mérito é, conforme foi dito, o de reabilitar a função interrogativa do pensamento, chamando a atenção para aquilo que, à primeira vista, se achava fora de questão [...] o resgate da interrogatividade, desde que não se converta na prática de interrogar apenas pelo prazer ou pelo dever de interrogar, é bastante positivo. [...] é possível perceber o quanto é preciso saber negociar as distâncias que separam os indivíduos a respeito de questões aparentemente simples, sendo a Problematologia um caminho fecundo, quando não levada a extremos, para estabelecer tal negociação (OLIVEIRA, 2011, p. 102-103).

### **3 | PARA NEGOCIAR DEVE HAVER PRINCÍPIOS?**

A investigação dos argumentos de alunos, professores e representantes institucionais, realizada em nossa tese permitiu-nos perceber alguns “princípios” sobre a negociação de distâncias. Destacamos que tais “princípios” não consistem em prescrições, mas em sugestões que podem suscitar reflexões. Esses “princípios” são uma tentativa de “sistematizar” alguns elementos, algumas recorrências que acontecem no ambiente argumentativo. Neste artigo não pretendemos mergulhar em

cada um deles, apenas apresentar sua ideia em termos gerais.

Constatamos, no dia a dia, que nem sempre os diferentes oradores e auditórios estão interessados em iniciar um diálogo. Dessa forma, como primeiro “princípio”, acreditamos que para que exista negociação de distâncias, é fundamental haver uma predisposição dos indivíduos ao diálogo, isto é, o auditório deve ter o desejo de minimizar a distância que o separa do orador. Conforme o nosso entendimento, caberá ao orador tentar identificar se há essa predisposição ou não, isto é, o início de um diálogo fértil deve ter o “desejo de” como primeiro objeto de acordo.

Nesse sentido, é essencial que os diversos objetos de acordo — as condições prévias que permitem iniciar um processo argumentativo — sejam conhecidos e respeitados. Por exemplo, se um auditório de alunos aprecia um determinado gênero musical, possivelmente não conseguiremos iniciar um diálogo com ele criticando ou depreciando esse gênero, pois não haverá a adesão inicial para prosseguirmos a argumentação.

Como segundo “princípio”, é vital ratificar que os oradores e os auditórios sejam grupos heterogêneos. Todavia, não devemos permitir que a heterogeneidade torne-se um problema, gerando ou reforçando incompatibilidades. Defendemos que ela seja uma aliada. Sendo assim, é fundamental que o orador procure conhecer os auditórios com os quais lida (seu meio sociocultural, suas características, seus interesses) e busque também o seu autoconhecimento. Para nós, um bom orador é aquele que tem a capacidade de equilibrar e ponderar suas habilidades e limitações junto ao auditório, articulando-as da melhor maneira possível. Consideramos que tais ações podem fazer toda a diferença no diálogo.

Creemos que o professor, ao exercer o papel de orador, deve estar atento a essas ações e que, em certas situações, ele deve se preparar antes de iniciar uma discussão. A tomada de consciência a respeito das características, qualidades e limitações pessoais (quando se desempenha o papel de orador) e do outro (quando se desempenha o papel de auditório) pode subsidiar o desenvolvimento da argumentação. Oradores e auditórios podem se diferenciar em muitos aspectos, porém entendemos que esses, ao invés de se confrontarem, podem se complementar de modo positivo, trazendo riqueza ao processo argumentativo.

Como terceiro “princípio”, entendemos que é necessário promover a alternância quanto a quem se coloca como orador e como auditório. Tal alternância pode ser vista como uma inversão de papéis entre quem argumenta (orador) e quem avalia tais argumentos (auditório). Acreditamos que no processo argumentativo não se deve priorizar uma única voz, pois todos os envolvidos no diálogo têm algo a acrescentar. Uma pessoa, ao desempenhar a função de orador, deve incentivar que os auditórios deem sua opinião, que participem, apresentando suas contribuições e sugestões, tentando minimizar, na medida do possível, as distâncias existentes.

Como quarto “princípio”, devemos ter a clareza de que os acordos são temporais,

ou seja, que os mesmos podem ser renovados, desde que orador e auditório desejem reabrir a discussão sobre determinado tema ou assunto. Consideramos que esse aspecto é um elemento fundamental, pois muitas vezes a interlocução é impedida pelo fato de se acreditar, equivocadamente, que os acordos devam ser rígidos, engessados e inflexíveis. Acordos renováveis permitem, em certa medida, que todos os envolvidos no processo educativo possam ter suas necessidades atendidas. Dessa forma, consideramos que não há vencedores ou perdedores no processo argumentativo.

Como quinto “princípio”, também é importante perceber que há um tempo para a definição desse acordo. Mesmo discutindo assuntos polêmicos, deve haver um limite para os questionamentos sobre um determinado assunto ou questão, pois decisões precisam ser tomadas e ações implementadas, mesmo que futuramente venham a ser revistas. Segundo nossa percepção, esse “princípio” é um desafio no processo argumentativo. Discussões longas e sem prazos para “encerrar” não levam a lugar nenhum, podendo ocasionar desconforto e desinteresse.

Como último “princípio”, por ora, acreditamos que a negociação de distâncias pode implicar em mudança de atitude: ouvir o outro, tendo apreço por suas opiniões; respeitar as decisões acordadas, ceder quando for preciso e interpretar um fato, assunto ou fenômeno sob um prisma diferenciado. Sabemos que negociar distâncias pode ser um momento de tensões, contradições e até mesmo de simulações, mas reconhecemos que a negociação pode gerar transformações individuais e coletivas.

No processo de negociação, as distâncias podem ser ampliadas ou reduzidas, isso dependerá da articulação dos argumentos promovida pelo orador e pelo auditório. Então, cremos que a negociação de distâncias pode acarretar soluções plausíveis (razoáveis) para os diversos conflitos, mas não impede que, infelizmente, uma discussão possa ser encerrada de outras maneiras, como, por exemplo, usando a violência.

Consequentemente, entendemos que a negociação de distâncias é uma estratégia que pode ser bem-sucedida, mas também pode ser falível, pois, em inúmeras situações no dia a dia escolar, temos que tomar decisões que não podem esperar. O sucesso da negociação de distâncias também depende do tempo disponível para o diálogo e da habilidade de quem a utiliza.

Sabemos que dialogar e negociar não são tarefas fáceis, mas entendemos que, através de tais ações, podemos traçar um planejamento conjunto e avaliar as aulas, revelando, dessa maneira, possíveis pontos de equilíbrio (não um consenso) entre os argumentos de alunos, de professores e de instituições.

Ressaltamos ainda que nosso intuito é poder refletir com maior profundidade sobre esses “princípios” em nossa pesquisa de pós-doutorado. Sendo assim, o que apresentamos até então é fruto de um pensamento inicial, inspirado nas conclusões de nossa tese.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Negociar não é fácil, mas, a nosso ver, é um elemento essencial no espaço escolar. É um desafio à ação docente, mas também, uma ferramenta a nosso dispor. Percebemos que estamos vivendo em uma sociedade em que há uma grande dificuldade em ouvir o outro e considerar as diversas vozes presentes.

Dessa maneira, em algumas situações, constatamos um desânimo em relação ao processo educativo porque as pessoas consideram que as discussões pedagógicas entre os diferentes oradores e auditórios não levam a lugar nenhum. No entanto, consideramos que uma das formas de superarmos o autoritarismo e a verticalização das decisões é pelo viés da argumentação. E foi justamente o que defendemos em nossa tese e o que tentamos expor nesta comunicação.

Acreditamos que, na educação, não há receitas a serem seguidas, o que existem são experiências construídas a cada dia por meio de complexas interações em diversos ambientes argumentativos. Cremos que experiências positivas, geradas pelo diálogo, devem ser compartilhadas servindo de exemplo, subsídio e inspiração a outros docentes.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MEYER, Michel. **Questões de linguagem, retórica, razão e sedução**. Lisboa: Edições Setenta, 1998.

\_\_\_\_\_. A problematologia como chave para a unidade da retórica. In: MEYER, Michel; CARRILHO, Manuel Maria; TIMMERMANS, Benoit. **História da Retórica**. Lisboa: Temas e Debates, 2002. p. 265-298.

\_\_\_\_\_. **Qu'est-ce que l'argumentation?** Paris: Vrin, 2005.

\_\_\_\_\_. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

OLIVEIRA, Renato José de. Modernidade e escola: contribuições da retórica para pensar a ação educativa. In: Colóquio Franco Brasileiro de Filosofia da Educação, 4., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2008. p. 1-14.

\_\_\_\_\_. A Nova Retórica, a problematologia e a educação. In: LEMBRUGER, Márcio Silveira; OLIVEIRA, Renato José de (Org.). **Teoria da Argumentação e educação**. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 91-106.

PERELMAN, Chaïm. **The realm of rhetoric**. Tradução de William Kluback. Notre Dame: Notre Dame University, 1982.

\_\_\_\_\_; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO:** Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-105-3

